

2º DOMINGO NA QUARESMA

25 DE FEVEREIRO DE 2024

MARCOS 8.27-28

SEM ESSA DE NOVA HALAKHAH!

Demais leituras (Sl 22; Gn 17.1-7,15-16; Mc 8.27-38)

O salmo 22 pode ser chamado, acima dos demais, do “salmo da cruz”. Apesar de ser suposição audaciosa, não é difícil conjecturar que talvez Jesus o tenha recitado em sua crucificação. Ele começa com “Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?” e termina com o “está completado”. O salmo se compõe como o retrato da hora mais amarga da paixão de Cristo, como se fosse o memorial de sua expiração final. Mesmo assim, é interessante perceber que a série de leituras reserva o registro mais intenso da crucificação para a Sexta-Feira Santa. No 2º Domingo da Quaresma, a leitura do salmo prefere sublinhar o louvor a Deus e testemunho dos feitos do Senhor de geração a geração. Lemos nos versículos 30 e 31: “A posteridade o servirá, e se falará do Senhor à geração vindoura. Virão e anunciarão a justiça dele; ao povo que há de nascer, contarão que foi ele quem o fez” (Sl 22.30-31).

Nesse sentido, a leitura do Antigo Testamento, Gênesis 17.1-7, 15-16, também continua o tema do salmo 22, ensinando que a promessa feita por Deus a Abraão seria uma bênção para todas as gerações e famílias. Abraão foi o pai de muitas nações, desde seus descendentes ismaelitas, passando pelos filhos da concubina Quetura e até filhos de Isaque e Jacó, que vieram a compor as 12 tribos de Israel. Com a vinda de Jesus e sua obra em cumprir as promessas de Deus, os filhos de Abraão passam a ser todos os que creem em Cristo como Senhor. Como escreve o apóstolo Paulo: “Portanto, vocês devem saber que os verdadeiros descendentes de Abraão são os que têm fé” (Gl 3.7).

Isso significa que só é filho de Abraão aquele que, diante da pergunta de Jesus, “quem vocês dizem que eu sou”, declara com Pedro: “Tu és o Cristo” (Mc 8.29). Jesus é rei. Ele é sacerdote. E também profeta. Mas ele é mais do que tudo isso. Ele é o Cristo, o escolhido de Deus. Ele é o Filho de Deus, Deus igual a Deus, “verdadeiro Deus do verdadeiro Deus, gerado não criado” (Credo Niceno). Mas ele também é verdadeiro homem, “o qual por nós homens e pela nossa salvação desceu do céu e se encarnou pelo Espírito Santo da Virgem Maria e foi feito homem; foi também crucificado por nós sob Pôncio Pilatos” (Credo Niceno). Os filhos de Abraão, aqueles que receberam a mensagem do evangelho de geração a geração, creem e confessam que “era necessário que o Filho do Homem sofresse muitas coisas, fosse rejeitado pelos anciãos, pelos principais sacerdotes e pelos escribas, fosse morto e que, depois de três dias, ressuscitasse” (Mc 8.30-31).

Ser filho de Deus e descendente de Abraão não significa uma filiação genética ou ideológica, mas está atrelada à identidade que recebemos do próprio Deus. Por meio de Cristo e sua obra, recebemos nova vida e podemos seguir Jesus, atendendo seu chamado: “Se alguém quer vir após mim, negue a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (Mc 8.34).

O texto (Rm 5.1-11)

Robert Kolb escreve que em “Romanos 5, Paulo está transitando de sua apresentação do estado pecaminoso de todos (1:18–3:20) e do dom de Deus da justiça, a nova identidade que temos em Cristo (3:21–4:25), para sua discussão sobre a vida do pecador justificado, tanto do ponto de vista de Deus quanto do dos pecadores no meio da luta contra o pecado (5:1–8:39)”¹.

A lição que podemos tirar do texto de Romanos 5 refere-se aos sofrimentos que enfrentamos enquanto aguardamos o cumprimento de nossa esperança. Em meio ao sofrimento, somos convidados para buscar forças na ação de Deus no passado e no futuro.

¹ Robert Kolb. “LENT 2 • ROMANS 5:1–11”. Março de 2015. Tradução própria. Texto original em: <https://concordiatheology.org/2015/02/lent-2-%e2%80%a2-romans-51-11-%e2%80%a2-march-1-2015/>

No passado, fomos “Justificados, pois, mediante a fé” e por isso hoje “temos paz com Deus por meio do nosso Senhor Jesus Cristo, pelo qual obtivemos também acesso, pela fé, a esta graça na qual estamos firmes; e nos gloriamos na esperança da glória de Deus” (Rm 5.1-2).

E no futuro, “sendo justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira. Porque, se nós, quando inimigos, fomos reconciliados com Deus mediante a morte do seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida!” (Rm 5.9-10).

Nesse olhar bipartido, que se dirige ao passado, à cruz de Cristo, e ao futuro, à parousia, recebemos forças para suportar os sofrimentos do presente.

Em primeiro lugar, percebemos que não somos mais os mesmos de antes. A partir do batismo, recebemos uma nova identidade. “Assim como Abrão e Sarai receberam uma nova identidade na lição do Antigo Testamento de hoje (Gn 17), nossos certificados de batismo constituem novos documentos de identidade para nós”, escreve Robert Kolb. De cidadãos de Ur dos caldeus, Abraão e Sara passam a ser pai e mãe do povo de Deus. De nossa parte, a partir do batismo, passamos a viver confiando nas promessas de Deus, suportando o sofrimento que Deus permite que nos acometa. Negar-se a si mesmo também significa aceitar a soberania de Deus no sofrimento e, sobretudo, confiar em sua graça e bondade, mesmo quando não há aparente razões para se acreditar na bondade de Deus.

Como filhos de Deus, conseguimos nos “gloriar nas tribulações, sabendo que a tribulação produz perseverança, a perseverança produz experiência e a experiência produz esperança” (Rm 5.4). Aprendemos a suportar o sofrimento, não com base em nossa própria força de vontade, mas porque “descansamos na paz que Cristo dá: sabemos que os sofrimentos não definem nossa identidade, pois Cristo já o fez”². Paulo escreve que “a esperança não nos deixa decepcionados, porque o amor de Deus é derramado em nosso coração pelo

² Robert Kolb. “LENT 2 • ROMANS 5:1–11”. Março de 2015. Tradução própria. Texto original em: <https://concordiatheology.org/2015/02/lent-2-%e2%80%a2-romans-51-11-%e2%80%a2-march-1-2015/>

Espírito Santo, que nos foi dado. Porque Cristo, quando nós ainda éramos fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios” (Rm 5.5-6).

A partir da obra de Deus em morrer por nós e impulsionados pela ação do Espírito Santo, podemos nos “gloriar nas tribulações”, permitindo que “tribulação produza perseverança”, que por sua vez produzirá “experiência”, que produzirá “esperança” (Rm 5.3-4). A partir do sofrimento, o Espírito Santo produz em nós um “caráter que é marcado com a imagem de Cristo: o Espírito Santo nos imprimiu com ele como nosso selo de identificação (Rm 8:29), e ele nos capacita a viver esta nova identidade de acordo com este caráter (Cl 3:20)”³.

Resistir ao sofrimento e glorificar a Deus enquanto se sofre - isso só é possível a partir da fé. Somente a partir da visão que temos do que Jesus fez por nós no passado e do que ele fará no futuro nos capacita a confiar que Deus está presente mesmo quando parece ter nos esquecido. Essa é a essência da esperança cristã.

Robert Kolb escreve que nossos sofrimentos nos dão motivo para nos orgulharmos, ou seja, anunciarmos bem alto quem somos (καυχώμεθα): não tentamos nos engrandecer buscando aflição ou falando sobre isso. Ele diz que “em nossa excitação e alegria, queremos contar a todos como conseguimos encontrar verdadeira alegria e satisfação nos sofrimentos atraídos para nós pelo fato de pertencermos a Jesus Cristo”⁴.

Contexto Litúrgico e Caminhos Homiléticos

O Segundo Domingo na Quaresma é uma boa oportunidade para falar sobre esperança em meio ao sofrimento, mostrando que a forma como lidamos com as tribulações mostra nossa identidade em Cristo. Somos filhos de Abraão porque cremos que Cristo é o Senhor.

³ Robert Kolb. “LENT 2 • ROMANS 5:1–11”. Março de 2015. Tradução própria. Texto original em: <https://concordiatheology.org/2015/02/lent-2-%e2%80%a2-romans-51-11-%e2%80%a2-march-1-2015/>

⁴ Robert Kolb. “LENT 2 • ROMANS 5:1–11”. Março de 2015. Tradução própria. Texto original em: <https://concordiatheology.org/2015/02/lent-2-%e2%80%a2-romans-51-11-%e2%80%a2-march-1-2015/>

Nos tempos atuais, somos ensinados a construir nossa identidade por meio de autoafirmação e demonstrações de poder e/ou sucesso. Vivemos o momento da autodeterminação e autoafirmação como formas de delimitação do que somos ou queremos ser. Jesus vai na contramão disso quando diz que a identidade do filho de Deus começa quando ele “se nega a si mesmo” e aceita as tribulações com resiliência e esperança.

Isso não significa que não nos esforçamos para melhorar o mundo e aliviar o sofrimento que há nele. Mas, ao fazer isso, o cristão utiliza suas vocações para tratar a Criação de Deus conforme sua ordem de “cuidar e cultivar”. Ou seja, a atuação do cristão no mundo não é uma luta por justiça social ou pela ecologia em si mesma, mas por que Deus nos ordenou cuidar bem da Criação.

Com isso em mente, conseguimos compreender que o mesmo cristão que atua no mundo para combater as injustiças e diminuir o sofrimento humano é também aquele que demonstra fé em Deus e consegue glorificar a ele em meio ao sofrimento.

Mário Rafael Yudi Fukue – São Paulo, SP